

RESUMOS

A Tradição das Bandas de Música em Macau

Macau tem sido frequentemente considerado, de forma um pouco negativa, como um local de características singulares, onde o exotismo abunda. Esta concepção errada teve como resultado inúmeras distorções sobre a cultura local. Alguns bons exemplos são filmes como *Macao l'Enfer du Jeu*, de Jean Delannoy, (de 1942, baseado na novela com o mesmo nome de Maurice Dekobra) e *Macao*, de Josef von Sternberg (de 1952, com Robert Mitchum e Jane Russell) ou a opereta em três actos *Cin-ci-là* do compositor italiano Virgilio Ranzato (1882-1937). A acção decorre, invariavelmente, num país de contos de fadas, com Macau a servir como fundo, escolhido não pelos seus detalhes históricos, mas como manifestação de uma figura de estilo genérica do Oriente – o tipo de local onde estranhos acontecimentos ‘ocorrem de facto’. Visitado primeiro por navegadores, aventureiros, mercadores e missionários, para quem o enclave representava uma porta europeia para o Este e Sudeste Asiático (na altura um verdadeiro local exótico e de culturas contrastantes), Macau é habitado desde meados do século XVI pelos portugueses. A presença destes, juntamente com a dos chineses, exerceu uma forte influência, ao longo dos séculos, sobre a formação de uma identidade cultural de características únicas, que se repercutiu em diferentes aspectos da vida da cidade, entre eles a música. Foram publicados muitos estudos sobre Macau como ponto de encontro de culturas contrastantes. No entanto, existe muito pouca informação sobre a música em Macau, embora esta – como em todo o lado – possa ser considerada com segurança como um componente importantíssimo da história e sociedade macaenses. Este artigo investiga um aspecto particular da música em Macau – o papel das bandas militares e municipais, com destaque para eventos importantes relacionados com a história das bandas de música como fenómeno

musical português, o desenvolvimento das bandas militares em Macau desde cerca de 1820 a 1912, a história da Banda Municipal, de 1912 a 1920 e os eventos que contribuíram para o seu declínio entre 1928 e 1935.

[Autor: Oswaldo da Veiga Jardim, pp. 6-43]

O Macao Hymno

Este artigo tem como tema central o *Macao Hymno*, composto por Melchor Vela. A existência deste trabalho, dedicado ao Leal Senado, demonstra mais uma vez a importância da tradição municipal em Macau, representando também um exemplo do tipo de música tocada pelas bandas militares nos finais do século XIX em Macau. Uma vez que não foi possível reconstruir em pormenor a formação instrumental das bandas militares em Macau no século XIX, a análise da partitura do *Macao Hymno*, executado várias vezes entre 1896 e 1901 pela Banda de Música da Guarnição de Macau, fornece algumas pistas sobre os instrumentos que compunham a banda nessa época.

Com base num fac-símile do manuscrito original, foi preparada também uma edição moderna que é incluída.

[Autor: Oswaldo da Veiga Jardim Neto, pp. 44-73]

Paibian, Jinqi e Jingkuang. Dísticos Laudatórios Chineses do Espólio do Dr. António do Nascimento Leitão

No espólio doado ao Museu de Aveiro pelo Dr. António Nascimento Leitão, médico aveirense que prestou serviço em Macau nas primeiras décadas do século XX, encontramos, nas reservas, vários dísticos laudatórios. São dos três tipos utilizados pelos chineses locais para homenagear tanto as divindades do seu vasto panteão popular como pessoas notáveis e entre estas, em verdadeiro paralelismo com as divindades, os médicos que resolveram com êxito problemas de saúde na família do ofertante.

Se os dísticos dos templos têm sido comparados erradamente, na sua maioria, aos ex-votos do Ocidente, os que são destinados aos médicos são verdadeiramente originais, representando, por um lado, o pensamento místico oriental e, por outro, o valor cultural que em muitos pontos da China continua a ser cultivado – o “dom” e a “reciprocidade” – relacionado com a noção de “face” e o reforço dos seus vínculos sociais.

Os dísticos laudatórios mais antigos eram registados em suporte de madeira entalhada ou marchetada com madrepérola, ou em seda finamente bordada. Mais tarde, passaram a ser preferidos os espelhos para ofertar aos médicos, pois, no imaginário popular, além da sua beleza possuem o poder de “reflectir” as más influências que cada doente transporta pela sua própria condição precária de saúde.

Nos consultórios dos médicos chineses mais famosos de Macau estes espelhos revestiam, por vezes inteiramente, as suas paredes com os seus dísticos finamente lavrados e ostentando os clássicos quatro caracteres dos *cheng yu*, artísticas cercaduras e outros motivos auspiciosos, por vezes coloridos. No espólio do Dr. António Nascimento Leitão encontramos, porém, a par de todos estes tipos de dísticos laudatórios, um par de quadros que fogem aos que encontramos nos consultórios dos médicos chineses, pois apresentam duas figuras em pano acolchoado e pintado e aplicadas sobre madeira. Representam duas figuras emblemáticas de longevidade: Shou Xing Gong e Magu em perfeita complementaridade, o que, no conjunto, pode significar um voto de harmonia – *yin / yang* –, o conceito fundamental da saúde. No presente trabalho faz-se uma pequena análise destes dísticos a um tempo decorativos mas também carregados de simbolismo, expressão da identidade comunitária do povo chinês que tem subjacente a ideia de boas relações entre pessoas, tal como entre pessoas

RESUMOS

e divindades antropomorfizadas como garantia de tranquilidade e de boa fortuna.

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 74-93]

A (Des)canibalização dos Portugueses

O suposto “canibalismo” português tem sido reproduzido com frequência e duma maneira instrumentalizada por alguns historiadores chineses no século XX. Qualquer historiador sério e responsável, quando reproduz estes “boatos” sensacionalistas, deve adoptar por uma linguagem menos categórica. Se o não fizer, ou se identifica com eles ou induz em erro os seus leitores. A invenção desta lenda durante o reinado de Jiajing para atizar o ódio popular contra os portugueses é compreensível, se levarmos em conta as circunstâncias históricas da época. Absolutamente incompreensível é a sua divulgação à escala mundial em pleno século XX.

Neste texto, os autores, socorrendo-se de fontes chinesas, propõe-se pôr fim a esta lenda com o esclarecimento das suas origens e dos seus objectivos políticos. Concluem que o “canibalismo” português foi completamente forjado, com fins políticos locais. É de conhecimento geral que os portugueses nunca foram antropófagos. É, pois, de elementar justiça ilibá-los de um crime hediondo que nunca cometeram e de que permaneceram injustamente acusados durante séculos, acusação ignorantemente repetida nos nossos dias por alguns historiadores menos avisados.

[Autores: Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, pp. 94-104]

Os *Shenshi* de Macau em Meados da Dinastia Qing

À semelhança do que se verificou em toda a China, também em Macau os *shenshi* desempenharam um papel de grande relevância. Embora aqui tenham surgido relativamente tarde, foram instrumentais tanto para as autoridades, nomeadamente locais, pela sua influência sobre a população em geral, como para esta pela sua intervenção junto das primeiras. Se lhes estavam garantidos

certos privilégios económicos e sociais, por outro lado, tinham eles próprios plena consciência das suas obrigações sociais, especialmente no que à educação diz respeito. Defensores dos interesses da comunidade e mediadores de conflitos surgidos no seu seio, os *shenshi* de Macau, e diferentemente do que se passava nas outras regiões da China, actuaram também no âmbito das relações externas, intervenção esta compreensível apenas à luz da própria situação de Macau.

[Autor: Yang Renfei, pp. 105-117]

Notícias da Seda. Referências à Seda Chinesa na Documentação Impressa dos Séculos XVI a XVIII e seu Impacte na Sociedade Europeia

De entre os muitos temas relativos ao Celeste Império tratados na documentação impressa europeia (sobretudo entre os séculos XVI e XVIII), o tema da seda chinesa afigura-se como importante e abundante tópico de análise, merecedor de aturada atenção por parte dos autores que a ele se dedicaram bem como dos leitores que, ao longo do tempo, consigo têm contactado. Assunto complexo e de grande amplitude, a sua leitura promove diferentes abordagens para além daquelas que têm tendido a dominar a compreensão portuguesa do tema, especialmente vocacionadas para uma apreciação de pendor mais economicista, em que a seda parece ser apreendida apenas como algo transaccionável e gerador de riqueza.

Ora, se o teor das notícias encontradas sobre este material confirma essa vertente, de igual modo revela o impacte que esta matéria-prima exerceu entre os portugueses e outros europeus que com ela e em diferentes contextos lidaram – no Oriente e no Ocidente – face às suas particularidades intrínsecas e de produção. Uma vez reconhecido o considerável número de textos com informes sobre a China publicados no período assinalado, no presente texto o autor tenta contextualizar, tanto quanto possível, algumas das notícias relacionadas com a seda chinesa então divulgadas na documentação impressa,

à luz do quadro mental e cultural que caracterizava os comportamentos e sensibilidades dos europeus e chineses de então.

[Autor: Maria João Pacheco Ferreira, pp. 118-139]